

Regionais impõem condições

por William Salasar
de São Paulo

Importantes bancos regionais dos EUA estão impondo uma condição à sua participação no novo empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões, condição que parece bastante difícil de ser cumprida: querem que, neste segundo jumbo, o número de signatários seja maior do que o número de instituições que alocaram recursos para o velho projeto 1 (jumbo de US\$ 4,4 bilhões).

"O jogo já chegou ao fim. Temos de ter uma participação mais ampla", disse a este jornal o representante de um banco regional americano. Acrescentou que, além disso, "é preciso desenvolver uma nova fórmula de distribuição das cotas com que cada um vai contribuir. Não se pode contemplar apenas os 'exposures' (posições) de médio e longo prazo; as de curto prazo também devem ser consideradas, pois alguns bancos caíram fora dos financiamentos de longo prazo, no ano passado, mas voltaram para financiar operações de curto prazo, aproveitando que as taxas haviam subido."

O comitê de assessoramento ("advisory committee") vem tratando de cooptar os regionais. Já houve duas reuniões com os regionais, organizadas pelo Manufacturers Hanover, que é o coordenador para os Estados Unidos. Uma em Chicago e outra em Baltimore. Nesta cidade, dia 21 passado, falou-se que a meta é arregimentar oitocentos bancos para participarem do novo jumbo. Porém, o próprio comitê reconhece que poderia eventualmente contar com quinhentos bancos. Número excessivamente alto, na opinião de diversos representantes de bancos americanos, inclusive dois com assento no comitê de assessoramento. Afinal, o projeto 1 foi assinado por menos de duzentos bancos, "e quem não assinou na primeira vez duvido que assinasse agora, quando a situação do Brasil é bem pior", comentou uma fonte, resumindo a impressão geral.

Se, entretanto, os regionais finalmente concordam

em participar, contanto que o novo jumbo consiga a adesão do mesmo número de bancos que assinaram o projeto 1, "não vai ter problema nenhum", disse o representante de um "money center bank" do Meio-Oeste. Para ele, conseguir a adesão de todos vai depender basicamente de como o "advisory committee" vier a abordar os bancos. "Não pode, como aconteceu com o projeto 1, tratar o assunto de uma forma muito compulsória. Não podem mudar a estrutura já conhecida dos projetos 1 e 2." Mesmo assim, reconhece a fonte, a arregimentação dos eventuais signatários do novo jumbo "vai dar muito, muito trabalho".

Parte significativa desse "trabalho" será calcular a parcela que cada banco deverá aportar ao jumbo de US\$ 6,5 bilhões. Na reunião do dia 21, em Baltimore, foi dito aos bancos regionais que, se 500 bancos participarem do novo jumbo, cada um terá de alocar o valor equivalente a 9,7% de sua "exposure" (posição)

no final de 82. Não se chegando a 500 bancos, a cota subirá.

Nessa mesma reunião, realizada dias antes de o FMI e o "advisory committee" divulgarem seu acordo "em princípio" sobre o programa de ajustamento financeiro do Brasil, discutiu-se a carta de intenções do Brasil ao Fundo, as possibilidades de o Fundo selar um acordo com o País (e a conclusão foi que o FMI não assina coisa alguma sem o decreto 2.045 ser aprovado), e se informou que o Brasil necessitaria, para suprir suas necessidades de financiamento do balanço de pagamentos deste ano e do próximo, de mais ou menos US\$ 7 bilhões de "dinheiro novo" dos bancos. Também se informou que o saldo do projeto 3 era, então, de US\$ 10 bilhões e que o saldo do projeto 4 era de US\$ 6 bilhões. Outra informação: os atrasados brasileiros somavam, em 19 de setembro, US\$ 2,4 bilhões, sendo US\$ 400 milhões acima de 60 dias e US\$ 250 milhões acima de 90 dias.